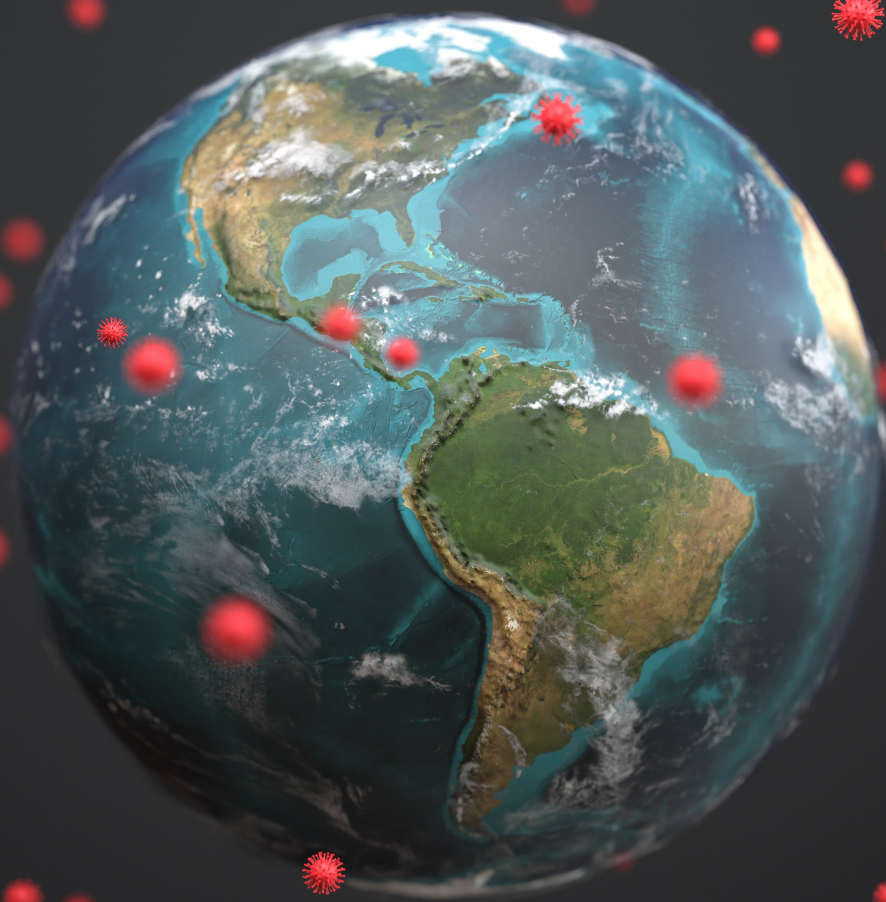


SÉCULO XXI **ESPM**

REVISTA DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

V. 13, Nº 1, Jan-Jun 2022



nepri **ESPM**
núcleo de estudo e pesquisa
em relações internacionais

APRESENTAÇÃO

Ana Regina Falkembach Simão¹
Roberto Rodolfo Georg Uebel²

Os últimos anos foram desafiadores para as Relações Internacionais enquanto área de pesquisa e de atuação profissional. Novas configurações geopolíticas, geoeconômicas e de política doméstica, somadas à pandemia da COVID-19 e à Guerra da Ucrânia lançaram novos desafios para internacionalistas no âmbito da análise de conjuntura e prospecção de cenários e riscos.

Após a interrupção da publicação da Revista Século XXI em 2018, retomamos o projeto editorial da revista com um novo comitê editorial, assim como um novo leiaute dos artigos, a fim de atender aos desafios da construção do campo das Relações Internacionais no Brasil. Por esta razão, a Século XXI publicará, a partir de 2023, edições especiais com os volumes 10, 11 e 12, e seus respectivos números, a fim de atender o período impactado pela reestruturação editorial e também pela pandemia da COVID-19, cujos impactos inauguram este relançamento da revista no presente número.

Também a partir de 2023 será continuada a publicação semestral da Revista, que conta com fluxo contínuo de submissões e a revisão cega por pares.

Desejamos a todas e todos os leitores uma agradável e instigante leitura e reflexão crítica acerca dos rumos e perspectivas das Relações Internacionais neste conturbado século XXI.

Os editores.

Porto Alegre, 28 de dezembro de 2022.

¹ Coordenadora do Curso de Relações Internacionais da Escola Superior de Propaganda e Marketing de Porto Alegre (ESPM-POA). Editora-chefe da Revista Século XXI. E-mail: asimao@espm.br.

² Professor do Curso de Relações Internacionais da Escola Superior de Propaganda e Marketing de Porto Alegre (ESPM-POA). Editor associado da Revista Século XXI. E-mail: roberto.uebel@espm.br

A ELEIÇÃO DE DONALD TRUMP EM CINCO ATOS: UMA ANÁLISE COMPARATIVA DAS ABORDAGENS POLÍTICAS ENTRE O JORNAL NACIONAL (BRASIL) E NBC NIGHTLY NEWS (ESTADOS UNIDOS)

Augusto de Oliveira Braga³

Centro Universitário Internacional UNINTER

Resumo

Este estudo analisa a construção da narrativa política na eleição de Donald Trump feita pelos telejornais NBC Nightly News (EUA) e Jornal Nacional (Brasil). Foi analisado o cenário geopolítico, calcado na teoria Crítica das Relações Internacionais, bem como na análise da narrativa jornalística. A metodologia de pesquisa inclui coleta de dados bibliográficos e dados primários. Foi investigado como os telejornais dos Estados Unidos e Brasil, respectivamente, noticiaram os eventos de Donald Trump durante o período eleitoral entre 2015, 2016 e 2020 em cinco atos: pré-candidatura, candidatura oficial, eleição, campanha de reeleição e derrota eleitoral. Como resultados preliminares, a pesquisa identificou semelhanças e diferenças na narrativa do jornalismo político nos telejornais escolhidos.

Palavras-chave: Donald Trump; Eleição; Telejornalismo; Jornal Nacional; NBC Nightly News.

THE ELECTION OF DONALD TRUMP IN FIVE ACTS: A COMPARATIVE ANALYSIS OF POLITICAL APPROACHES BETWEEN JORNAL NACIONAL (BRAZIL) AND NBC NIGHTLY NEWS (UNITED STATES)

Abstract

This study analyzes the construction of the political narrative in the election of Donald Trump made by the television news NBC Nightly News (USA) and Jornal Nacional (Brazil). The geopolitical scenario was analyzed, based on the Critical theory of International Relations, as well as on the analysis of the journalistic narrative. The research methodology includes collection of bibliographic data and primary data. It was investigated how the television news in the United States and Brazil, respectively, reported Donald Trump's events during the electoral period between 2015, 2016 and 2020 in five acts: pre-candidacy, official candidacy, election, reelection campaign and electoral defeat. As preliminary results, the research identified similarities and differences in the narrative of political journalism in the chosen TV news.

Keywords: Donald Trump; Election; Television News; Jornal Nacional; NBC Nightly News.

³ Estudante do curso de graduação em Jornalismo do Centro Universitário Internacional UNINTER. E-mail: augustobraga.jornalismo@gmail.com.

1. INTRODUÇÃO

O presente estudo apresenta o trabalho realizado durante um ano de pesquisa como parte do Programa de Iniciação Científica, que foi financiada pela Escola Superior de Propaganda e Marketing. Para que o estudo pudesse cumprir com seus objetivos de maneira eficiente, a seguinte pergunta foi elaborada: *considerando seus contextos históricos e políticos, de que forma o Jornal Nacional e o NBC Nightly News construíram a notícia durante os principais atos de Donald Trump na corrida eleitoral em 2016 e 2020?*

Fairclough (1992) entende a linguagem como um quadro analítico construído a partir do conceito da prática social. Tal concepção surge do princípio de que a linguagem não é somente uma forma de representação do mundo, mas também de ação sobre o mundo e sobre o outro.

Sob esse contexto, Fairclough (2001) entende o discurso em um prisma de poder como “hegemonia” e de desenvolvimento das relações de poder como luta hegemônica. Para isso, o autor recorre aos conceitos de hegemonia e poder apresentados por Gramsci (1971) e de ideologia de Althusser (1971). A partir disso, permeia a proposta teórica *faircloughiana* na premissa de que as situações opressoras podem ser mudadas, uma vez que são criações sociais e, portanto, passíveis de transformações sociais. Dessa forma, cabe argumentar que os interesses políticos e econômicos da Rede Globo e NBC, derivados de seus processos e transformações históricas, são traduzidos e replicam-se por meio dos discursos usados nas reportagens que cobriram a política de Trump, conforme discutiremos neste artigo.

Apesar do desenvolvimento da pesquisa ter ocorrido em um cenário pandêmico, não houve impasses que impediram ou retardaram a produção do material apresentado neste documento. A entrevista via e-mail solicitada em outubro de 2020 para a TV Globo foi concedida e o material requerido foi devidamente enviado para compor a pesquisa. As estratégias de produção utilizadas para que a pesquisa pudesse ser desenvolvida foram analisadas e adaptadas pelo pesquisador junto ao orientador, de modo a atender e respeitar as possibilidades e limitações sem prejudicar os resultados do estudo.

Desta maneira, o presente trabalho está estruturado em três seções, além desta Introdução e das Considerações Finais. A primeira seção abordará a metodologia do trabalho e as suas respectivas lentes teóricas. Já a segunda seção será dedicada à contextualização histórica dos dois telejornais estudados, isto é, Jornal Nacional e o NBC Nightly News. Por fim, na terceira seção os resultados serão analisados, considerando as abordagens telejornalísticas da eleição de Donald Trump, no recorte temporal supramencionado, a partir dos dois telejornais.

Trata-se, portanto, de um estudo de recorte bibliográfico e documental de uma pesquisa do tipo qualitativa, que pretende lançar luz sobre os estudos comparados de telejornais quanto às suas abordagens políticas, fato este que é cada vez mais imperativo no campo da Comunicação Social e do consumo de notícias e do próprio telejornalismo político contemporâneo.

2. PERCURSO METODOLÓGICO

Partindo do entendimento da notícia como um produto cultural, de caráter ritualístico e antropológico, Motta; Lima e Costa (2004) propõem o uso da narratologia para compreender o significado da produção jornalística. Desse modo, pressupõe-se que a construção da narrativa estabelece uma relação e reflexão entre o texto contido nas reportagens e a ideologia subjetivada nas palavras.

Os autores apontam que o discurso jornalístico é carregado de sentidos, que podem ser observados e interpretados tanto pelo que se evidencia quanto pelo que se insinua, sugere ou oculta. Nesse sentido, as notícias produzidas e veiculadas pelos meios de comunicação de massa não entregam à audiência apenas o fato informativo, mas atualizam a realidade social, renovam e experimentam diferentes percepções de mundo (MOTTA; LIMA; COSTA, 2004).

O Jornalismo narra os dramas, conflitos, tragédias, medos e lutas da humanidade, utilizando de personagens, chamados de “fontes” dentro das redações, para ilustrar ou contar histórias no jornal. Então, é possível afirmar que o processo narrativo abriga elementos provenientes do imaginário coletivo e da memória cultural social, e é misturado com a realidade objetiva dos fatos apresentados. Em função disso, é por meio da análise de narrativa que se torna possível identificar e

interpretar os sentidos alimentados por elementos culturais e conseguir proceder no entendimento da abordagem política da reportagem.

Para contemplar os teóricos abordados e aplicar suas reflexões na prática da análise de telejornalismo, foram selecionados doze produtos noticiosos dos dois programas escolhidos, Jornal Nacional e Nightly News, com base na proximidade com as datas dos cinco atos de Donald Trump.

À exceção da pré-candidatura, que se fez um recorte tanto para o anúncio de pré-candidatura, onde Trump afirmou publicamente que seria um candidato, quanto para a pré-candidatura oficial, momento em que o político oficializou sua pré-candidatura pelo partido Republicano, os demais atos são contemplados com um documento de cada telejornal, somando, ao final, doze produtos.

Com a chancela metodológica estabelecida, foram transcritas, na íntegra, todo o material das matérias selecionadas. Em tabelas individuais, constou-se em qual formato o telejornal utilizou para noticiar a trajetória de Trump (nota pelada, nota coberta, comentário, reportagem, etc), duração do vídeo, descrição das imagens utilizadas para compor a matéria e o texto usado para relatar o evento, bem como as citações das entrevistas feitas e comentários exibidos.

Por fim, também se mostra necessário acrescentar que o pesquisador entrou em contato com Daniel Wiedemann, coordenador do escritório de jornalismo da Globo em Nova York, para uma entrevista via e-mail acerca da produção noticiosa nas editorias de política e jornalismo internacional do Jornal Nacional durante as eleições de Trump. As perguntas enviadas foram devidamente respondidas, com mediação do Globo Universidade, e inseridas no corpo do estudo.

3. LENTES TEÓRICAS

Para a base teórica, o artigo se sustenta na análise de telejornalismo proposta por Gomes (2011). Essa lente é alicerçada na premissa de que cada produto jornalístico é resultado de determinado contexto e cultura e que possui especificidades que não podem ser analisadas de maneira generalizada ou partindo apenas de cenários históricos, econômicos ou sociais.

Nesse sentido, a autora reforça a construção de uma análise abrangente, que permite consolidar a análise e a interpretação do telejornalismo, sob uma ótica de estudos culturais, juntamente aos estudos de linguagem, em uma abordagem que necessita a consideração de aspectos que são concomitantemente históricos, sociais, ideológicos e culturais do telejornalismo.

A partir disso, conforme a autora, é possível articular três elementos fundamentais para a análise de um produto jornalístico televisivo: o Jornalismo, a televisão e a recepção televisiva (GOMES, 2011). A proposta assume, portanto, que o telejornalismo é uma forma cultural e uma instituição social (GOMES, 2001). Decorrente dessas premissas, então, a autora desenvolveu os conceitos de estrutura de *sentimento, gênero televisivo e modos de endereçamento*, que constituem, assim, os conceitos teóricos para trabalhar materiais empíricos.

Além disso, o telejornalismo se estrutura no recurso imagético. Jensen (1986) coloca ênfase na credibilidade, realçando o poder das imagens da cobertura televisiva reforçam a expectativa de objetividade e imparcialidade. O autor aponta que a variedade de imagens oferecidas serve também como um forte apelo para a audiência e, de modo a manter o telespectador preso no produto televisivo. No telejornalismo as imagens são estruturadas de acordo com a estética de produção de mercadoria.

Em soma, à luz da Teoria Crítica das Relações Internacionais, entende-se que não há realidade objetiva, uma vez que todo o conhecimento produzido se vale de teorias e ideologias não identificadas na superfície do conteúdo, mas existentes (SARFATI, 2005). Uma das tarefas da teoria Crítica seria, portanto, tentar desnudar a ideologia contida por trás do discurso, a ferramenta mais comum de reforçar e propagar uma ideia. Nessa perspectiva, a desconstrução das “verdades científicas” (SARFATI, 2005, p.252), serviria como instrumento de resistência aos poderes dominantes. Dessa forma, à medida em que o discurso ganha poder, ele se torna dominante.

Para Cox (1986), a Teoria Crítica não aceita considerar as instituições e as relações de poder predominantes como dadas, indiscutíveis ou insuperáveis e passa a refletir e questionar a origem desses poderes, como modificá-los ou propor alternativas. Em decorrência disso, como afirma Sarfati (2005), a Teoria Crítica das

Relações Internacionais é um projeto metateórico, que busca refletir e questionar o surgimento das teorias e ideologias a partir da dominância político-social - no caso deste estudo, o questionamento ocorre por meio da reflexão acerca do discurso, conforme veremos nas próximas seções.

Nesse sentido, é possível relacionar as premissas da teoria Crítica para tentar entender a produção jornalística na cobertura da eleição de Donald Trump em 2016 e 2020, ou seja, a partir da identificação da posição dos telejornais em relação ao poder dominante na sociedade no período em que a cobertura foi realizada.

4. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

Em 1965, dois acontecimentos marcam a revolução comunicacional no Brasil: a criação da TV Globo, em abril, e a inauguração da Empresa Brasileira de Telecomunicações (Embratel), em setembro (MEMÓRIA GLOBO, 2004). Embora alocada em um país continental, a empresa que viria a ser a maior emissora de televisão da América Latina só conseguia exibir seus produtos a níveis regionais.

No ano seguinte, o *Tele Globo* passou a ter uma única edição, às treze horas. O motivo da redução de programação foi o surgimento de outro telejornal chamado *Ultranotícias*, que também tinha duas edições diárias com cinco e quinze minutos, respectivamente. Meses mais tarde, o telejornal passou a ter uma edição única às dezenove horas e quarenta e cinco minutos (MEMÓRIA GLOBO, 2004).

No entanto, é necessário ressaltar que, até então, os telejornais da emissora eram patrocinados pelas empresas Ultragas e Ultralar e produzidos por uma empresa de publicidade chamada McCann Erickson. O programa era todo desenvolvido pela agência de notícias United Press International, que entregava os rolos de filme e o roteiro à Globo e, por fim, os apresentadores apenas os liam diante das câmeras (MEMÓRIA GLOBO, 2004).

Anos mais tarde, em 31 de agosto de 1969, o *Jornal da Globo* sai da programação da Tv Globo para dar lugar ao *Jornal Nacional*. Durante esse período, anterior ao *Jornal Nacional*, a emissora realizou coberturas que entraram para a história. Cerca de um mês antes da estreia do JN, a Rede Globo transmitiu, ao vivo, a

operação que que cumpriu uma das missões mais importantes da Guerra Fria (MEMÓRIA GLOBO, 2004).

Em setembro do mesmo ano, quando houve a estreia do Jornal Nacional, a Tv Globo já era líder absoluta de audiência, visto que apresentava nove dos dez programas mais assistidos do Rio de Janeiro e três em São Paulo. Dois anos mais tarde, em 1971, a emissora passou a assumir a liderança em ambas as capitais, exibindo os dez programas mais assistidos nas duas as cidades (MEMÓRIA GLOBO, 2004).

A premissa de botar no ar um telejornal de rede, no mesmo modelo já existente nos Estados Unidos, foi muito debatida pela equipe da Globo. Quando aprovada, a então editora Alice-Maria se uniu com os técnicos da Embratel para discutir sobre as possibilidades e viabilidade da transmissão.

Contudo, quando retratar a política nacional se tornou uma atividade perigosa durante a ditadura militar, a Rede Globo investiu na formação de correspondentes para contar histórias sobre a política de outros países, mas que se assemelhavam ao Brasil, sem medo de represália (MEMÓRIA GLOBO, 2004).

O jornalismo internacional na Rede Globo, além de suprir os vácuos deixados pela proibição da cobertura de política nacional, servia para reflexão da própria situação do Brasil. Ao cobrir a queda de regimes autoritários na Europa, como Salazar em Portugal e Franco na Espanha, o Jornal Nacional permitia o debate para a política interna, deixando, sutilmente, mensagens sobre os possíveis rumos da ditadura brasileira (MEMÓRIA GLOBO, 2004).

Já nos Estados Unidos, a década de 1920 foi um período de intensa movimentação e imersão nas dimensões sociais, políticas e econômicas. Com o fim da Primeira Guerra Mundial, êxodo em direção às cidades urbanizadas e os eminentes problemas das grandes cidades, a indústria cultural - advinda das propagandas de guerra -, se reestrutura para tomar espaço nesse novo modelo de sociedade (HILMES, 2007).

A origem da NBC envolveu a *Radio Corporation of America* e a *American Telephone & Telegraph Corporation* (AT&T). Em 1922, a RCA estabeleceu em Nova York, a sua principal e mais tecnológica estação de rede: a WJZ, enquanto a AT&T

construiu seu primeiro estúdio em uma localidade mais distante do centro. Nesse estúdio que a AT&T viria a realizar sua transmissão em cadeia, conectando duas ou mais estações por meio dos fios eletrônicos.

Durante o início das redes, a WJZ tinha a função de fornecer o incentivo financeiro para a compra de receptores de rádio - mas não gerava lucro. Dessa forma, a maior parte da programação da WJZ era composta basicamente de programas gratuitos oferecidos pela estação e fornecidos pela publicidade.

Em função da notória ascensão do rádio, fornecedores imediatamente apareceram com propostas para patrocinar os programas. Jornais, revistas, editoras, hotéis e agências de talentos foram algumas das primeiras instituições a marcarem presença na grade da RCA.

A radiodifusão e o broadcasting, originados durante o período de guerra, foram essenciais na revolução das ferramentas de comunicação de massa. Hilmes (2007) afirma que a televisão cumpriria as promessas que o rádio não conseguiu. No início da década de 1960, cerca de 89% das residências estadunidenses já possuíam ao menos um televisor (HILMES, 2007), e o tempo antes gasto com o rádio havia trocado de formato, conforme o número de ouvintes das mídias sonoras reduzia ao seu nível mais baixo.

A guerra e a indústria cultural se firmando como um modelo de negócios muito rentável colocaram em evidência um argumento especialmente interessante para a mídia televisiva: a posição privilegiada que teriam seus patrocinadores.

Mesmo fundadas na década de 1920, como redes radiofônicas, a NBC e a Columbia Broadcasting System (CBS) passaram mais de seis décadas sem mudar de comando. A American Broadcasting Company (ABC), contudo, alterou sua posse uma única vez em 1953. Mas o fim dessa permanência da liderança ocorreu de maneira abrupta em meados da década de 1980. Nos primeiros anos dessa década, o sucesso da televisão a cabo e do vídeo cassete começaram a conturbar o equilíbrio de poder na indústria televisiva. As três companhias ainda possuíam mais de 80% da audiência total e contavam com uma receita estável de anúncios, mas suas presenças no mercado passaram a ser debatidas (ANDERSON, 2007).

Os analistas de investimentos e ações das bolsas passaram a questionar o crescimento das redes de televisão e, em consequência, os investidores perderam a confiança e o preço das ações rapidamente caiu. Em seis meses, todas as três empresas trocaram de proprietário (ANDERSON, 2007).

Mais tarde, a *General Electric Company* comprou a NBC, mas não alterou a identidade já solidificada da marca. Nos anos que seguiram a compra, a General decidiu mudar o modelo dos negócios industriais estáveis que haviam dominado a NBC por décadas para outras áreas com maior potencial de alto crescimento da rede (ANDERSON, 2007).

Os novos proprietários se direcionavam para o que vinha dando certo em outros países: as empresas de mídia que voltavam sua programação para informação e prestações de serviços estavam tendo maiores margens de lucro.

Dessa maneira, apesar de pertencer ao grupo de fábricas e manufatura, a NBC gera seu lucro na circulação de informações, imagens, histórias e relatos. Em função disso, a rede de *broadcasting*, voltou a ser uma das pioneiras no novo modelo de conglomerados midiáticos no começo dos anos 2000 (ANDERSON, 2007). Desta maneira, na próxima seção apresentaremos os resultados do nosso estudo, considerando os movimentos da televisão em ambos os países e o cenário político, jornalístico e eleitoral à luz do nosso problema de pesquisa.

5. ANÁLISE DE RESULTADOS

O presente capítulo tem como objetivo principal analisar a narrativa adotada pelo Jornal Nacional e NBC Nightly News durante a cobertura da trajetória política de Donald Trump. Para a comparação, foram utilizados documentos contendo a duração da matéria; o tipo (nota coberta, nota pelada, reportagem, entrevista); transcrição do texto de abertura; transcrição do *off*; transcrição da passagem; descrição das imagens e artes utilizadas e, por fim, transcrição do texto de encerramento - geralmente lido pelo repórter ou pelo apresentador.

A primeira menção a Donald Trump no Jornal Nacional como possível candidato à presidência dos Estados Unidos ocorreu em 16 de junho de 2015 - dia em que anunciou publicamente sua pré-candidatura pelo partido republicano. O

texto lido pela apresentadora Ana Paula Araújo, junto às imagens utilizadas na nota, traz foco para a fortuna e patrimônio de Trump logo no texto de chamada e na primeira frase do *off*. Por fim, a nota encerra-se denotando pouca importância ao magnata, apontando que o apresentador de televisão seria apenas mais um entre os doze candidatos pelo partido Republicano e que, também, nem seria o mais provável a ser escolhido.

No jornal da NBC, a matéria de dois minutos e oito segundos, exibida um dia depois do Jornal Nacional, inicia-se com a apresentadora do telejornal, Savannah Guthrie, dando foco à fortuna de Donald Trump. Em seguida, o telejornal exibe um trecho do discurso do político em que o magnata se vale de colocações xenofóbicas para justificar seus impasses políticos com a imigração de mexicanos na fronteira dos Estados Unidos. Após a nota coberta, a âncora divide tela com um comentarista político da emissora, onde tecem comentários acerca das estratégias políticas e publicitárias do então pré-candidato, revelando dúvidas quanto ao desenrolar da campanha de Donald Trump.

Durante confirmação da candidatura de Trump, o telejornal da NBC dedica quase quinze minutos de sua programação do dia 4 de maio de 2016 para tratar da possibilidade de Donald Trump ser eleito. O noticiário apresentou duas reportagens, uma tratando da candidatura de Trump e outra de suas desavenças com Hillary Clinton, e uma entrevista ao vivo com o magnata. A entrevista não demonstrou tom elogioso ou de ataque frente ao político. As perguntas se direcionaram às propostas da nova campanha, dados estatísticos, rivalidade com seus demais oponentes e apoio popular.

Quando Trump foi eleito, o Jornal Nacional, em 9 de novembro de 2016, abriu a matéria, de pouco mais de seis minutos, com tom de incerteza. O apresentador do noticiário diz que o novo presidente ergueu seu discurso com base na intolerância e ódio às minorias. Portanto, sua vitória era surpreendente do ponto de vista de que os demais líderes ao redor do mundo ainda não sabiam como se estabeleceriam as novas relações diplomáticas com o republicano.

A matéria inicia seu texto com dados sobre os estados que historicamente votam no Partido Democrata e qual a estratégia adotada por Trump para reverter o quadro. Após a passagem, a matéria incute no novo discurso de Trump, que, segundo

o repórter, não é mais polarizado e assume tom conciliatório. Por fim, o jornalista entra ao vivo e comenta, de forma opinativa, que essa havia sido uma decisão importante, já que ele seria o presidente de todos os cidadãos do país.

O jornal da NBC dedicou menos tempo do noticiário para a cobertura das eleições presidenciais, mas manteve o mesmo tom que o telejornal brasileiro. Com quase quatro minutos, o Nightly News introduz a matéria com a mesma pretensão de surpresa e incerteza do que se seguiria durante o mandato de Trump.

A matéria retoma o que teria sido o principal artífice do magnata para conquistar a presidência, fazendo referência, inclusive, à honestidade e à maneira de Trump se dirigir ao público. A repórter também relatou que o presidente estava incerto acerca do resultado das eleições, e que, em função disso, optou por ficar com sua família e colegas de campanha em seu apartamento e não se manifestar até que a apuração terminasse.

No processo de reeleição, em 20 de agosto de 2020, o Jornal Nacional dedicou um espaço relativamente expressivo dentro de sua grade de programação para noticiar a candidatura de Donald Trump. Com cerca de quatro minutos e meio de reportagem, o texto, em sua totalidade, cobriu o pronunciamento de Trump, direto da Casa Branca. A jornalista Raquel Krähenbühl reforçou com frequência as mentiras e contradições do então presidente.

O noticiário da NBC opta por ceder menos tempo de sua programação ao republicano. Com dois minutos e quarenta segundos, a matéria exibida direciona-se principalmente aos ataques de Trump contra seu adversário Joe Biden e acerca das respostas do democrata às acusações.

O texto ainda se refere às propostas de Trump para a reeleição, como a redução de impostos e novas políticas de enfrentamento à Covid-19. Contudo, assim como fez o Jornal Nacional, a repórter estadunidense reforça as contradições no discurso republicano, e utiliza as informações concedidas por especialistas da saúde para contrapor a argumentação de Trump.

A reeleição em ambos os telejornais repercutiu sobre a mesma pauta: o discurso de aceitação à corrida eleitoral e as mentiras e contradições proferidas pelo presidente naquela noite. Apesar da diferença de tempo entre as duas matérias,

tanto o Jornal Nacional quanto o NBC Nightly News mantiveram o mesmo tom de fiscalização em relação ao magnata.

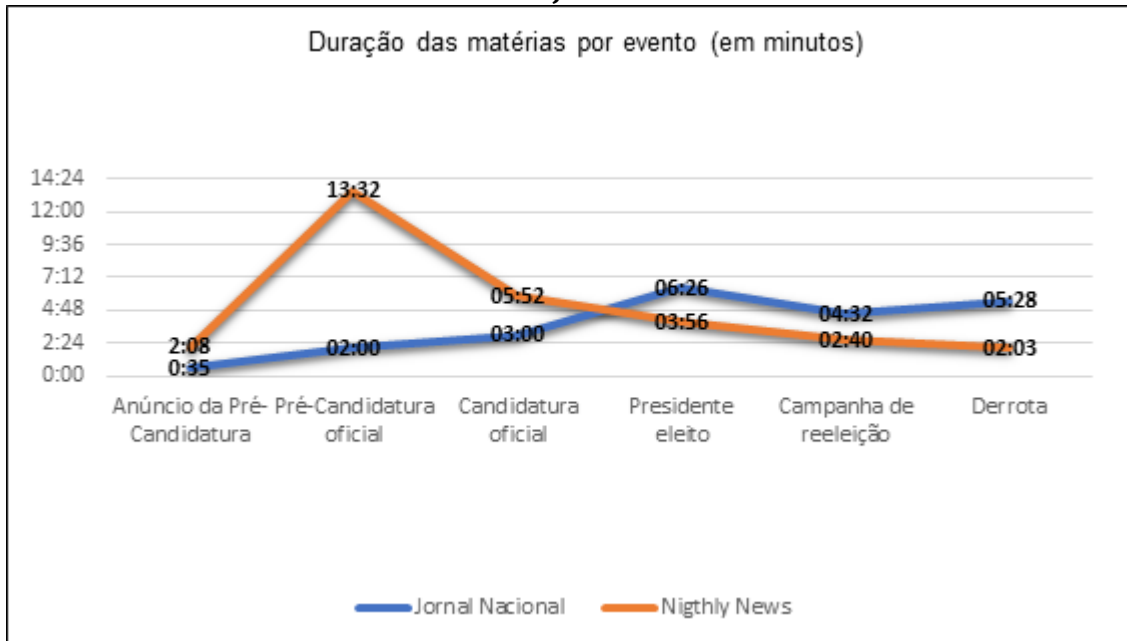
Com o resultado das eleições presidenciais novembro em 2020 e a derrota de Trump, o Jornal Nacional, no dia 7 do mesmo mês, recorreu a um dos repórteres mais experientes da emissora para relatar o evento. Jorge Pontual construiu uma matéria com cerca de cinco minutos e meio fazendo uma retrospectiva de todos os feitos de Trump em seu mandato que visavam uma possível reeleição.

Jorge Pontual afirma que, apesar de todas as incoerências e erros, o que impediu a reeleição do magnata foi a pandemia, visto que o governo não conseguiu elaborar estratégias eficientes para o combate à mesma. O jornalista também enfatizou que Trump foi o segundo candidato mais votado da história, mas foi derrotado pelo primeiro mais votado: Joe Biden.

O NBC Nightly News dedica apenas dois minutos e três segundos do noticiário para reportar a derrota de Trump. O discurso da jornalista recai sobre a inconformidade do ex-presidente com a derrota eleitoral.

A repórter conduz o texto para as medidas tomadas por Trump que recorreu à recontagem de votos e processos judiciais, afirmando que a eleição havia sido fraudulenta, mas que não havia provas de que a acusação fosse realidade. Ainda relata que o ex-presidente não iria manter a tradição de convidar Biden para a Casa Branca e discutir sobre a transição e que a equipe de assessores e propagandistas do magnata já estava se dissipando em busca de novos empregos.

Por fim, outra importante observação a ser feita diz respeito a duração das reportagens exibidas. A partir do cruzamento de dados entre os dois telejornais, foi possível traçar duas linhas que se relacionam de maneira antagônica entre si. Conforme os eventos acontecem, progressivamente, os telejornais dedicam tempos diferentes na grade da programação. O Gráfico 1 apresenta o resultado do cruzamento de dados.

Gráfico 1 - Duração das reportagens exibidas durante os cinco atos em cada telejornal

Fonte: Elaborado pelo autor.

Esse gráfico demonstra o interesse das emissoras em manter Donald Trump como pauta principal. O Nighly News, apesar de ser um telejornal dos Estados Unidos, optou por deixar o ex-presidente com menos tempo de tela a cada vez que os eventos analisados ocorriam. Durante o anúncio da pré-candidatura oficial, a NBC dedicou quase quinze minutos de sua programação inteira, incluindo uma entrevista ao vivo, para apresentar quem seria o novo possível candidato a concorrer à presidência pelo partido Republicano.

O Jornal Nacional, em contrapartida, foi concedendo mais espaço na programação do noticiário conforme Trump ia ganhando mais destaque antes da eleição. Sempre com tom de descrença, como visto antes, o programa dedicava suas matérias, cada vez maiores, para apontar as falhas na campanha e na gestão do magnata.

Desta forma, os resultados apontam para diferentes abordagens e perspectivas jornalísticas e políticas quanto ao processo de construção do Trump político, denotando, portanto, distintos aspectos comunicacionais no decurso midiático em volta do tema analisado.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora o Jornalismo se proponha a noticiar os fatos em sua maior proximidade com a realidade possível, é sabido que, na prática, tal proposta não ocorre. Como visto anteriormente, o telejornalismo é apenas um recorte da realidade, e não a realidade como um todo.

Esse enquadramento depende de uma série de questões subjetivas do repórter, produtor e cinegrafista e de questões editoriais e de política interna da empresa na qual a reportagem se desenvolve. Os profissionais responsáveis diretamente pela apuração dos fatos vão direcionar suas próprias crenças e ideologias ao enquadramento da notícia, mesmo que de maneira subjetiva e inconsciente.

Já as políticas editoriais da empresa são apresentadas de forma a complementar o trabalho da equipe de produção. A depender do posicionamento do grupo em relação a determinado poder ou evento, a edição textual, audiovisual e gráfica do telejornal como um todo vai enunciar o posicionamento adotado pela organização, sendo expressa em forma de cores, artes gráficas, adjetivos e outros elementos sutis que compõem o produto final.

Conforme discutido nas seções anteriores, a teoria Crítica das Relações Internacionais entende os posicionamentos políticos adotados por organizações como respostas a determinado poder dominante. A teoria Crítica aplicada à análise de telejornalismo serviu para compreender as nuances que compõem a linha editorial de uma empresa midiática - muito embora vendam-se constantemente como isentas ou politicamente neutras.

Isso ocorre porque a teoria ainda aponta para a inexistência de uma realidade objetiva - o que desqualifica o discurso narrativo do Jornalismo ao se assegurar como imparcial. A ausência de uma realidade objetiva implicaria, portanto, na existência material de uma realidade subjetiva, construída, naturalizada e perpetuada pelo poder dominante.

Com isso, torna-se compreensível que o fazer jornalístico seja imbuído de subjetividade e que, portanto, se mostra necessário que as empresas de mídia encontrem outras maneiras de comunicar sua subjetividade ao telespectador, de

modo a informá-lo sobre o que é exibido. Ou seja, não corresponde a uma apuração noticiosa isenta de ideologias. No caso da construção do Trump político, isto restou evidente nos dois telejornais analisados, portanto.

Referências

ALTHUSSER, L. **Ideology and ideological state apparatuses**. In: Althusser, L. (ed.) *Lenin and philosophy and other essays*. Londres; New Left Books, 1971. [Trad.bras. *Aparelhos ideológicos de estado*. Rio de Janeiro: Graal, 1972].

ANDERSON, Christopher. **Creating the Twenty-first-Century Television Network**: NBC in the age of media conglomerates. In: HILMES, Michele (org.). **NBC: America's network**. Los Angeles: University of California Press, 2007. p. 278-289.

COX, R. W. **Social forces, states and world orders**: beyond international relations theory. In: KEOHANE, Robert O. (Ed.). *Neorealism and its critics*. Nova York: Columbia University Press, 1986.

FAIRCLOUGH, N. (ed.) **Critical language awareness**. Londres: Logman, 1992.

FAIRCLOUGH, N. **Discourse and social change**. Cambridge: Polity Press, 1992. [Trad. bras. *Discurso e mudança social*. Coordenadora da trad. Izabel Magalhães. Brasília: Editora UnB, 2001].

FERNANDES, Sabrina. **Sintomas Mórvidos**: a encruzilhada da esquerda brasileira. São Paulo: Autonomia Literária, 2018. 380 p.

GOMES, Itania Maria Mota. *Gêneros televisivos e modo de endereçamento no telejornalismo*. Salvador - BA: Universidade Federal da Bahia, 2011.

GRAMSCI, A. **Selections from the prison notebooks**. Ed. e trad. Q. Hoare & G. N. Smith. Londres: Lawrence and Wishart, 1971.

HILMES, Michele. **NBC and the network idea**: defining the “America System”. In: HILMES, Michele (org.). **NBC: America's network**. Los Angeles: University of California Press, 2007. p. 7-23.

JENSEN, Klaus Bruhn. **Making sense of the news** – Towards a Theory and an Empirical Model of Reception for the Study of Mass Communication. Denmark: Arhus University Press, 1986.

MEMÓRIA GLOBO. **Jornal Nacional**: a notícia faz história. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2004.

MOTTA, Luiz Gonzaga; COSTA, Gustavo Borges; LIMA, Jorge Augusto. **Notícia e reconstrução de sentidos**: análise de narrativa jornalística. *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 31-53, jul. 2004. Semestral.

SARFATI, Gilberto. **Teorias das Relações Internacionais**. São Paulo: editora Saraiva, 2005.

Artigo recebido em: abril de 2022.
Artigo aprovado em: dezembro de 2022.

A MUDANÇA NO SISTEMA PATRIARCAL DE BHOPAL: ANÁLISE A PARTIR DO ACIDENTE INDUSTRIAL DE 1984

*Anna Carolina Florczak Mallmann*⁴
Escola Superior de Propaganda e Marketing

Resumo

Após o maior acidente industrial do mundo, em 1984, as mulheres de Bhopal, na Índia ingressão nas mais diversas áreas de administração da cidade, visto que seu papel imposto pela sociedade patriarcal de cuidar da família se desfazia com a tragédia que matou milhares de pessoas na cidade. Entretanto, Bhopal ser comandada por mulheres não é uma novidade, uma vez que em sua história, na fase imperial, as mulheres estiveram à frente na governança do território. O objetivo deste artigo é explorar os diferentes graus de mudanças provocadas pelo acidente industrial no sistema patriarcal da cidade. Para isso, são pesquisados elementos da história de Bhopal desde sua formação até seu período matriarcal. Também, procura-se compreender como a economia indiana incentivou a industrialização no território, o que posteriormente causou o maior acidente industrial do mundo. Por fim, o artigo propõe visualizar como se organizou a cidade de Bhopal após o acidente, para que a pergunta do texto seja debatida.

Palavras-chave: Índia; matriarcado; Bhopal; acidente.

THE CHANGE IN BHOPAL'S PATRIARCHAL SYSTEM: ANALYSIS FROM THE 1984 INDUSTRIAL ACCIDENT

Abstract

After the biggest industrial accident in the world, in 1984, the women of Bhopal, India, entered the most diverse areas of city administration, as their role imposed by the patriarchal society of caring for the family was undone with the tragedy that killed thousands of people in the city. However, Bhopal being commanded by women is not new, since in its history, in the imperial phase, women were at the forefront in the governance of the territory. The purpose of this article is to explore the different degrees of changes caused by the industrial accident in the patriarchal system of the city. For this, elements of the history of Bhopal are researched from its formation to its matriarchal period. Also, it seeks to understand how the Indian economy encouraged industrialization in the territory, which later caused the biggest industrial accident in the world. Finally, the article proposes to visualize how the city of Bhopal was organized after the accident, so that the question of the text can be debated.

Keywords: India; matriarchy; Bhopal; accident.

⁴ Estudante de Relações Internacionais na ESPM-POA. Pesquisadora de PIC na ESPM-POA. E-mail: annamallmann2001@gmail.com.

1. INTRODUÇÃO

Em uma cidade da Índia Central, por muitas vezes abandonada pelos olhos do ocidente, Bhopal se torna notícia em 1984 com o que posteriormente seria conhecido como o maior acidente industrial da história. Entretanto, o presente artigo não abordará questões técnicas do acidente, mas sim pretende introduzir o debate sobre, como o acidente industrial de 1984 em Bhopal mudou o sistema patriarcal da cidade? Para isso, será importante que se volte ao histórico da cidade, que um dia já foi um grande império.

Por meio de uma investigação exploratória teórica, baseada em documentos referentes aos sistemas de governo de Bhopal e o acidente industrial de 1984, o artigo está organizado da seguinte forma: iniciasse resgatando o período histórico, em que o sistema matriarcal é imposto. Investigando as cinco gerações de matriarcas que governaram no período de 1758 a 1926. Posteriormente trata-se do período de industrialização de Bhopal e o assentamento da empresa Union Carbide India Limited, causadora do acidente industrial. A investigação termina com a exposição das consequências do acidente e seus impactos da sociedade local.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO

Bhopal, uma cidade na Índia Central que inicialmente recebeu o nome de Bhojpal, uma homenagem ao rei que comandava a região, Rei Raja Bhoja e as represas que contornavam a cidade, que em hindu são chamadas de *pal*, fundadas no século XI (DUÉK, 2019). Após uma grande sucessão de reis, com permanência do sistema familiar mais comum na época, com homens como líderes da sociedade e mulheres gestoras do lar, o reino de Bhopal crescia a cada dia, independente dos conflitos internos que ocorriam quanto a sucessores do trono (ALAMGIR II, 2021).

Entretanto, no ano de 1758, iniciam mudanças em todo o sistema do reino com a invasão do exército mongol de Faiz Mohammad Khan. Essa mudança não se deteve somente na política, como também em toda a sociedade de Bhopal, com a ascensão da primeira imperatriz da Índia Central, a Begum, Mamola Bai (ALAMGIR II, 2021).

Apesar de Mamola comandar a cidade, sua liderança não era reconhecida oficialmente, tornando seu poder limitado, visto que a mesma ainda tinha o marido

Faiz e um filho que seria o herdeiro legítimo a sucessão de seu pai. Mas deve-se lembrar que *mudança* é somente a alteração do estado normal de algo (AURÉLIO). Então apesar de a gestão de Mamola em Bhopal ter representado um marco para o caminho da mudança no sistema patriarcal do império, ainda mais uma gama de imperadores surgira após a ascensão do seu filho ao trono (ALAMGIR II, 2021).

Com a chegada do século XVIII, a Inglaterra firmava sua hegemonia por meio de suas colônias, e na Índia não foi diferente. Enquanto a maior parte da região lutava contra a invasão britânica, Bhopal foi um dos poucos locais que ofereceu auxílio aos britânicos, durante a Primeira Guerra Anglo-Maratha em 1778 (MITTAL, 1990).

Por conta das boas relações diplomáticas, com a chegada da Terceira Guerra Anglo-Maratha, foi feito um tratado de dependência de Bhopal entre, o na época governante de Bhopal e o governo britânico (MITTAL, 1990).

Em 1819, o então governante de Bhopal, Nawab Nazar Muhammad Khan é assassinado pelos opositores, por conta de sua relação com a Inglaterra. Nazar tinha uma esposa e uma filha, que pela tradição não poderia assumir o trono. Contudo, desafiando os aspectos tradicionais do Império, Qudsia Begum, esposa de Nazar se autodeclara governante de Bhopal após a morte do seu marido. Qudsia afirma sua filha como futura herdeira legítima ao trono. Assim, se inicia uma sequência de mulheres governantes na região, com um novo sistema social, o sistema matriarcal (ALAMGIR II, 2021).

Após o falecimento de sua mãe, Sikadar Begum assume o governo de Bhopal. Graças a sua mãe, Sikadar recebeu estudo adequado para se tornar uma governante forte, incluindo treinamento em artes marciais, caça e uso de armas como espada e arco. Sikadar foi responsável por continuar o trabalho da sua mãe em desenvolver uma sociedade mais igualitária entre homens e mulheres da região. A líder criou a Victoria School para meninas, onde eram ensinadas técnicas de ofícios como, artesanato e para que adquirissem conhecimento acadêmico básico (ALAMGIR II, 2021).

Diferentemente de sua mãe e sua avó, Shahjehan Begum, filha de Sikadar, preferiu focar seu governo não em mecanismos de guerra, mas sim transformando Bhopal em um centro cultural e literário. Shahjehan patrocinou inúmeras mulheres

poetas. Além de melhorar consideravelmente as áreas de educação, habitação, saúde, tecnologia e empoderamento feminino da cidade. A governante foi também responsável pela primeira enciclopédia feminina da Índia, a ¹Tahzib un-Niswan wa Tarbiyat ul-Insan (ALAMGIR II, 2021).

A administração de Bhopal por mulheres teve seu fim em 1926, após o governo de Sultan Jahan Begum, que estabeleceu diversas instituições de ensino na região, focadas em instrução pública e educação feminina. O legado das Begums se encerrou quando o filho de Sultan assumiu a administração do território (ALAMGIR II, 2021).

Com a volta do sistema patriarcal com a ascensão do filho de Sultan, o Império de Bhopal passa a ser apenas um termo figurativo, por conta dos acordos feitos com a Inglaterra por os terem acolhido no passado. A aproximação da região com os ingleses permitiu a Bhopal alguns avanços anteriormente limitados aos ocidentais, tal como a industrialização.

3. INDUSTRIALIZAÇÃO E 1984

A industrialização tanto em Bhopal como na Índia de maneira geral se deu por conta da colonização britânica na região, que ocorreu no mesmo período em que acontecia a Revolução Industrial na Inglaterra. Inicialmente a industrialização indiana ocorreu em um formato no qual empresários britânicos investiam nas indústrias de exportação, e não para atender o mercado interno indiano (BARBOSA, 2008).

Ocorre uma forte modernização da Índia no início do século XIX, com a compra de diversos equipamentos para impulsionar a industrialização, difundindo a tecnologia ocidental. Apesar de ter sido apontado como um país promissor por conta dos avanços, a realidade se mostrou bem diferente, com a Índia se tornando um dos países em desenvolvimento mais pobres do mundo. O meio da colonização britânica para incrementar a economia do país se mostrou ineficiente (BARBOSA, 2008).

A economia da Índia teve duas fases de fechamento após a independência do país em 1947. O retorno da industrialização no país e o foco em beneficiar setores

de indústria química, e insumos básicos, como aço, energia elétrica e combustível. Tal movimento aumentou a participação do mercado na economia internacional e a, de fato, evolução da industrialização indiana (BARBOSA, 2008).

Na primeira metade do século XX a Índia passava por uma crise de precariedade alimentar da sua população. Em uma tentativa de solucionar o problema, o governo indiano implementou o que foi chamado de *revolução verde*, um programa de autossuficiência alimentar que se baseava em novas tecnologias agrônomas. Um projeto muito promissor que implementou diversas fábricas de desenvolvimento de tecnologias para estruturas de irrigação, modificação de sementes, criação de novos maquinários de agricultura entre outros (MARTINS, 2016).

Uma das medidas foi a implementação de uma fábrica de produção de pesticidas, para acelerar e aumentar a produção agrícola. Para isso, o governo indiano criou uma parceria com a empresa norte americana, Union Carbide Corporation (UCC), instalando uma filial na cidade de Bhopal, no ano de 1969 com o nome, Union Carbide India Limited (UCIL) (MARTINS, 2016).

Bhopal foi considerado o maior acidente industrial e químico do mundo. O inseticida criado pela empresa era o Sevin, que age principalmente no sistema nervoso dos insetos. O composto é formado por 1-naftol-N-metilcarbamato, do qual a empresa decidiu reagir com isocianato de metila. A questão que torna essa mistura perigosa é que isocianato de metila é extremamente reativo, o que causa gases letais (MARTINS, 2016).

Um acidente com as mangueiras de água que esfriavam o abrigo subterrâneo da fábrica causou o contato de água com o isocianato de metila. A reação dos dois causa calor, o que acelera a reação química. Os gases letais se alastraram pela fábrica e pela cidade de Bhopal. Cinco mil pessoas mortas, cinquenta mil com graves sequelas, inclusive crianças que nasceram de pessoas atingidas pelos gases, e duzentas mil atingidas em menor grau (MARTINS, 2016).

Por mais que Bhopal por muitos anos tenha sido uma cidade governada por mulheres e com diversos avanços, no período do acidente, o sistema patriarcal, principalmente familiar, prevalecia. Ou seja, o desastre de Bhopal causou não somente sofrimento para as mulheres, mas também o senso de responsabilidades

pelo o que era considerado de sua atribuição, a família. Um fenômeno muito importante surgiu do acidente de Bhopal, o retorno da mulher protagonista na vida pública da cidade (MARTINS, 2016)

A partir da introdução pode-se explicar como o acidente industrial de Bhopal mudou, mesmo que em parte o sistema patriarcal da cidade, com as mulheres voltando a assumir um papel na política de Bhopal, não se sentindo mais reféns da sua condição social (MITTAL, 1990).

A partir da contextualização do tema proposto pode-se retornar para a pergunta que direcionará a discussão.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o histórico político da cidade de Bhopal apresentado, pode-se inferir a questão: como o acidente industrial de 1984 em Bhopal mudou o sistema patriarcal da cidade?

Dado que Bhopal teve em sua história, um longo período de matriarcado, no qual mulheres foram líderes do território e nesse tempo fizeram grandes avanços sociais, políticos e militares, pode-se tratar que tal período poderia ter reflexos nos tempos mais modernos de Bhopal.

A investigação sobre a pergunta do texto se justifica pelo resgate de sociedades que tiveram em momentos de sua história um sistema liderado por mulheres, com exemplos do que foi feito durante a governança das mesmas. Foi apresentado a reflexão quanto ao histórico de administrações governamentais de Bhopal e o papel do acidente industrial de 1984 para a cidade.

É possível considerar que, em perspectivas de um mundo oriental, o caso de Bhopal ainda se encontra historicamente recente. Por tal motivo seus efeitos ainda estão por ser medidos, inclusive pelo fato de ainda existirem pessoas afetados do acidente. Assim, a pergunta deste artigo se torna de fato uma introdução para um debate, sem a pretensão de trazer conclusões para a questão.

O que já seria possível medir é o fato de que sim, as mulheres de Bhopal voltaram a assumir diversos postos de liderança na cidade e exigindo justiça pelas vidas prejudicadas no ano de 1984.

Referências

ALAMGIR II. **Stringfixer.com**, disponível em:

<https://stringfixer.com/pt/Alamgir_II>, acesso em: 5 Nov. 2021.

BARBOSA, Marcel. **Crescimento econômico da Índia antes e depois das reformas de 1985/1993**. Brasil, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2008.

DUÉK, Ana. **Bhopal – a cidade indiana que prosperou liderada por mulheres**. Brasil, International Tourism Award, 2019.

MITTAL, Kamla. **History of Bhopal State: development of constitution, administration, and national awakening, 1901-1949**. New Delhi, Munshiram Manoharlal Publishers, 1990.

SENA MARTINS, Bruno. **Revisitando o desastre de Bhopal: os tempos da violência e as latitudes da memória**. Brasil, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2016.

Artigo recebido em: maio de 2022.
Artigo aprovado em: dezembro de 2022.

O ECOFASCISMO NA ALEMANHA E NOS ESTADOS UNIDOS COMO RESPOSTA ÀS QUESTÕES CLIMÁTICAS, AMBIENTAIS E AOS MOVIMENTOS MIGRATÓRIOS: DA ASCENSÃO DO TERCEIRO REICH À PANDEMIA DE COVID- 19

*Cissa Theves*⁵

Escola Superior de Propaganda e Marketing

Resumo

Os estudos acerca da eugenia foram amplamente disseminados nos Estados Unidos, como forma de preservar o território nacional e combater a ameaça do estrangeiro. Posteriormente, esses estudos foram levados até a sua concretização através da ascensão do radicalismo ambiental na Alemanha durante o Terceiro Reich, guiando a política governamental e influenciando principalmente a imigração. Dessa forma, o ecofascismo se apresenta como uma alternativa para “limpar” o planeta, que cada vez mais apresenta sinais de colapso climático e ambiental, através da eliminação ou controle da população mundial, pois no pensamento ecofascista, o problema é o excesso populacional e não o sistema de exploração desenfreada proveniente do modelo capitalista. Portanto, indagar-se-á qual é o papel do uso político da temática ambiental e imigratória como defendido pela ideologia ecofascista.

Palavras-chave: Ecofascismo; ambientalismo; imigração.

ECOFASCISM IN GERMANY AND IN THE UNITED STATES AS A RESPONSE TO CLIMATE AND ENVIRONMENTAL ISSUES AND MIGRATION MOVEMENTS: FROM THE ASCENSION OF THE THIRD REICH TO THE COVID-19 PANDEMIC

Abstract

The studies on eugenics were widely disseminated in the United States, as a way of preserving the national territory and combating the threat of foreigners. Subsequently, these studies were taken to their realization through the rise of environmental radicalism in Germany during the Third Reich, guiding government policy and mainly influencing immigration. In this way, ecofascism presents itself as an alternative to "cleanse" the planet, which increasingly shows signs of climatic and environmental collapse, through the elimination or control of the world population, because in ecofascist thinking, the problem is excess population and not the system of unbridled exploitation stemming from the capitalist model. Therefore, it will be asked what the role of the political use of the environmental and immigration themes is as defended by the ecofascist ideology.

Keywords: Ecofascism; environmentalism; immigration.

⁵ Bacharela em Relações Internacionais pela ESPM-POA. E-mail: cissatheves@gmail.com.

1. INTRODUÇÃO

Os ideais ecofascistas tiveram sua ascensão na Alemanha durante o Terceiro Reich, onde a política “sangue e solo” guiou elementos fundamentais na constituição da etnicidade presentes no nazismo: o sangue representava a consanguinidade, a descendência. O solo representava a origem ou proveniência geográfica (BIEHL; STAUDENMAIER, 1996). No entanto, suas ideias têm aparecido com força atualmente através de grupos extremistas, adotando a forma do ecofascismo até a expressão de seus ideais no contexto da pandemia de Covid-19. Exposto isso, passaremos a olhar para recentes apropriações desse ideário por grupos de extrema-direita, destacando a disputa de espaço na política ambientalista e como vem influenciando políticas públicas conservadoras ligadas principalmente à imigração.

O ecofascismo nomeia um regime político que utiliza medidas autoritárias para atingir seu objetivo principal em nome da proteção ambiental (ZIMMERMAN; TOULOUSE, 2016). Porém, os ecofascistas não consideram o sistema sob o qual vivemos, que demanda uma exploração infinita de recursos finitos. Ainda que existam acordos voltados para frear o aquecimento global, ainda são insuficientes, pois muitos países sequer são respeitados pelas nações signatárias. Ironicamente, os países emergentes são os maiores responsáveis pela emissão de gases e poluentes na atmosfera: a China respondeu por 27% das emissões globais. Os EUA, segundo maior emissor, contribuíram com 11% (TAIBO, 2019).

Com o aumento da emissão de gases e o aquecimento global cada vez mais iminente, conseqüentemente haverá um aumento de pessoas deslocadas em razão das alterações climáticas. As Nações Unidas, em 2006, anunciaram que o número de pessoas afetadas por desastres naturais havia triplicado em relação aos dez anos anteriores, alcançando a marca de 2 bilhões de pessoas (TAIBO, 2019). O ACNUR, por sua vez, avaliou que pessoas deslocadas em razões climáticas também podem ter reivindicações válidas para obterem status da condição de refugiado sob a Convenção de 1951 e não poderão ser devolvidas ao seu país de origem (ACNUR, 2020). Nesse sentido, o surgimento de tantos refugiados ambientais pode ser apontado devido a degradação do solo, o aumento dos níveis dos oceanos, os efeitos

da mudança climática em forma de seca e a exploração desenfreada de recursos em países mais pobres em nome de interesses econômicos.

Dessa forma, podemos entender as recentes expressões de políticas extremistas de ecologismo e ambientalismo. As políticas ecológicas e os estudos em torno da preservação do meio ambiente já eram fonte de uma forte disputa política no século XIX, pois é através dessa tradição que se conectam as variadas correntes do ecologismo de extrema-direita. É a partir delas que se desenvolve o ecofascismo no Terceiro Reich bem como as correntes neomalthusianas, eugenistas e o neodarwinismo social (TAIBO, 2019). Há todo um campo de ideias conservadoras, excludentes, discriminatórias e até eliminacionistas que crescem orientadas por essas filosofias nacionalistas que ainda estão muito presentes, ainda que resinificadas em seus discursos.

Nesse sentido, durante a pandemia de Covid-19, houve a intensificação de discursos que contém diversos elementos ecofascistas: desde críticas xenófobas à densidade populacional chinesa ao discurso de que o verdadeiro vírus seriam os seres humanos. O perigo dessa afirmação está implícito, pois não especifica a quem se refere. A humanidade não causa degradação ambiental da mesma forma. O estilo de vida de um cidadão norte-americano afeta muito mais o planeta do que um cidadão do Nepal. No entanto, as diferenças raciais e socioeconômicas não são consideradas nas pautas ecofascistas – seriam todos seres humanos igualmente o vírus do planeta? Afinal a hipótese que não é considerada pelos ecofascistas é se é realmente a presença de numerosos imigrantes ou o impacto do estilo de vida capitalista que causa tanto dano ao planeta (TAIBO, 2019).

Os impactos dessa concepção são concretos e visíveis em nossos dias na naturalização e larga aceitação no Ocidente de políticas abertamente discriminatórias contra imigrantes, que por sua vez, são percebidos como os invasores e ainda demandam “privilégios” em uma terra que não é sua, pois é contra eles é que se insurge o ódio de grupos de extrema-direita sob a justificativa na terra e na preservação do planeta. Há exemplos recentes, tal como o massacre ocorrido em 2019 nos Estados Unidos, na cidade de El Paso, onde o autor do crime invocou o discurso da teoria da “Grande Suplantação”, tese defendida por Renaud Camus (2015) de que os brancos habitantes de países emergentes estariam sendo

diminuídos numericamente até o ponto da extinção pelos imigrantes (CAMUS, 2015).

Nesse sentido, é inegável que o ecofascismo teve suas sementes plantadas no passado, histórica e intelectualmente (TAIBO, 2019). Dessa forma, este artigo apresenta uma visão geral breve dos componentes do uso político da questão ecológica, enfatizando tanto seu papel central na ideologia nazista, sua implementação prática no Terceiro Reich e como o espectro do ecofascismo é uma ameaça ao ambientalismo responsável do início do século XXI que reverbera até hoje, sobretudo durante a pandemia de Covid-19.

2. O ECOFASCISMO NOS ESTADOS UNIDOS: A PRESERVAÇÃO AMBIENTAL ATRAVÉS DA RAÇA

O ecofascismo, conforme afirma Taibo (2019):

O ecofascismo carrega, claro, a marginalização, e, neste caso, o extermínio, de boa parte da população, amparada na aplicação de delicados critérios para determinar quem fica e quem não. Se às vezes a opção de exclusão e de extermínio justifica-se em virtude de códigos religiosos, outras invoca um mero poder material e algumas vezes se vale de presumidas exigências naturais e ecológicas (...) admito que, inevitavelmente, o emprego do prefixo eco-, comumente conotado de forma positiva, acaba produzindo alguma surpresa quando usado para retratar uma realidade tão negativa (TAIBO, 2019, p 149).

Através da ótica do ecofascismo, a preocupação com o meio ambiente está fortemente associada à vitalidade, saúde e bem-estar humano. Dessa forma, os debates acerca da preservação ambiental também aparecem interligadas com a degeneração racial, degradação do solo da própria pátria e das teorias eugenistas.

As teorias eugenistas nasceram na Inglaterra através de estudos sobre raça do antropólogo Francis Galton, que definia a eugenia como estudo proveniente dos fatores físicos e mentais que poderiam ser socialmente controláveis, alterando para pior ou para melhor as qualidades raciais, visando o bem-estar da espécie. Porém foi nos Estados Unidos que a teoria eugenista encontrou sua popularidade (POGGI, 2020).

No contexto estadunidense marcado por crescente imigração e um forte sentimento segregacionista, os estudos sobre raça procuraram estabelecer

condições científicas e sociais para controlar a capacidade reprodutiva dos indivíduos que fossem classificados como “inaptos”. Ou seja, era necessário desestimular o coito entre humanos que a elite econômica via como inferiores e incentivar os humanos de raça considerada como “superior”, conforme Grant (1916) afirma:

O lamentável fato de que quase todas as espécies de homens se cruzam livremente não nos deixa escolha. Ou as raças devem ser mantidas separadas por artifícios artificiais desse tipo, ou então elas acabam se misturando, e na prole prevalece o tipo mais generalizado ou inferior (GRANT, 1916, p 193, tradução nossa).

Dessa forma, em 1907, o Estado de Indiana adotou a primeira lei de esterilização compulsória do mundo. Entre 1907 e a década de 1960, mais de 64 mil americanos considerados “inaptos” evolutivamente foram castrados com o aval das autoridades. Aos imigrantes recaía a “inaptidão” evolutiva pois eram vistos como um risco à classe “pura” norte-americana e por isso eram submetidos a testes. O propósito das aplicações dos testes era justamente a preocupação acerca da “qualidade” das pessoas que estavam chegando ao país e assim, separar os imigrantes que poderiam produzir uma prole que futuramente poderiam ocupar vagas em asilos, prisões e hospitais (VALANO, 2019). Nesse contexto, houve uma esterilização em massa em diversos estados norte-americanos na intenção de preservar a raça “pura” e “superior”, enquanto a raça “inferior” seria controlada, conforme Pichot (2000):

Há que dizer que os Estados Unidos tinham uma espécie de tradição neste domínio, pois, no século XIX, existiam leis que autorizavam a castração em caso de delito sexual. No Kansas, por exemplo, uma lei de 1885 condenava os negros e mestiços à castração em caso de violação de uma mulher branca (...) As leis sobre a esterilização dos criminosos sexuais são o prolongamento dessas práticas sob um pretexto eugenista. Notar-se-á que a castração continuava a ser autorizada no século XX em alguns Estados, nomeadamente no Utah; assim, em 1930, 175 homens foram castrados nos Estados Unidos em resultado da aplicação dessas leis. Os crimes de direito comum mais gerais também podem desencadear a esterilização. É o que se

passa em Washington e na Califórnia com criminosos que tenham sido condenados três vezes (PICHOT, 2000, p. 169, tradução nossa).

Foi nesse contexto que surgiu o centro do movimento eugênico norte-americano: o Eugenics Record Office, no Cold Spring Harbor Laboratory em Nova York, fundado em 1910 pelo geneticista e biólogo Charles Davenport. A partir disso, a influência eugenista na ciência e nas políticas públicas estadunidenses aumentou no início do século XX, obtendo forte relevância até o início da Segunda Guerra Mundial. O centro tinha sua manutenção através de doações de ricos e filantropos interessados nos estudos acerca da eugenia, como John D. Rockefeller, e possuía duas diretrizes principais: A primeira consistia em servir como um repositório de dados para os registros de traços de raça de milhares de americanos. A segunda foi oferecer um instituto de treinamento para trabalhadores de campo de eugenia que eram enviados para examinar instituições que abrigavam deficientes mentais, órfãos, pobres e imigrantes (VALANO, 2019). Esses dois princípios consistiam em impedir a propagação da genética classificada como “inapta”, para então preservar a que fosse considerada como “apta”.

Os planos de eugenia de Davenport não estavam restritos somente aos Estados Unidos, ele também vislumbrava a internacionalização dos métodos de seleção de humanos “aptos” e “inaptos” geneticamente. Dessa forma, em 1912 fora realizado o Primeiro Congresso Internacional da Eugenia em Londres, evento que representou o ponto de partida para a criação de uma organização internacional específica para coordenar as ações eugênicas. As pautas do Congresso consistiam na continuidade das ações de cooperação internacional e também a realização de um segundo congresso para novas diretrizes (DEL CONT, 2013).

O segundo congresso ocorreu somente em 1921 – dez anos após o primeiro, devido aos efeitos da Primeira Guerra Mundial. Realizado em Nova York, o ponto central de discussões continuava sendo o problema de reprodução dos seres classificados como “inaptos” e também contou com a presença do maior especialista mundial em raça na época: Madison Grant. Grant (1916) defendia a ideia de que o número crescente de imigrantes e linhagens raciais brancas “inferiores” estavam superando o da sociedade americana, pois argumentava que estavam criando sociedades separadas dentro dos Estados Unidos, incluindo grupos étnicos,

sindicados criminosos e máquinas políticas que estavam minando a estrutura sociopolítica do país. (GRANT, 1916). Além disso, foi proposto a criação de um Comitê Internacional com poderes sobre as organizações eugênicas presentes nos países membros (DEL CONT, 2013). Através da criação do Comitê seria possível ter um maior controle e disseminação dos ideais eugênicos no mundo, assegurando um método de “seleção” somente de seres classificados como “aptos” geneticamente.

Por fim, o terceiro Congresso Internacional da Eugenia foi realizado novamente em Nova York, em 1932. Nesse contexto os ideais defendidos pelos eugenistas já eram alvo de muitas críticas, mas muitos ainda tinham forte convicção e “estavam prontos para serem conduzidos não apenas como práticas de pesquisas laboratoriais, mas, principalmente, como políticas públicas de saúde para a higiene racial” (LAUGHLIN, 1922, p. 446).

No entanto, o Eugenics Record Office propunha um zelo pela esterilização eugênica forçada e leis de imigração altamente restritivas, o que acabou se tornando um grande constrangimento quando o apoio público às políticas eugênicas diminuiu no final da década de 1930 (LAWRENCE, 2011). Anteriormente o Eugenics Record Office era considerado fundamental para o centro da atividade científica e era respeitado pela maioria dos cientistas até o final da década de 1930, mas teve suas atividades encerradas pela Carnegie Institution, organização focada no apoio a pesquisa científica, em 1939 devido as crescentes críticas.

É notável o quanto a ideia de eugenia foi disseminada nos Estados Unidos e teve um forte papel na elaboração de políticas públicas naquele período. No entanto, não esteve restrito somente em seu território, pois também ocuparam o centro de discussão científicas em vários países-membros do Congresso Internacional de Eugenia, sendo levado a sua concretização da forma mais radical pela política hitleriana na Alemanha Nazista.

3. O ECOFASCISMO NA ALEMANHA NAZISTA E A POLÍTICA DO “SANGUE E SOLO”

A história da política ecológica nem sempre teve um viés progressista e benigno como parece ser. De fato as ideias ecológicas possuem um histórico de serem utilizadas para fins altamente regressivos – até mesmo autoritários e do próprio nazismo. Essa é a análise que Biehl e Staudenmaier (1996) fazem sobre o

uso político de temas ecológicos. Os autores analisam as tendências autoritárias das pautas ambientais no ecologismo alemão e como serviram para guiar as políticas governamentais durante o governo nazista até a sua materialização durante o Terceiro Reich (BIEHL; STAUDENMAIER, 1996).

Durante o período do romantismo alemão, houve um culto exacerbado pela imagem do camponês, da agricultura orgânica, do vegetarianismo e da natureza. Conforme análise de Biehl e Staudenmaier (1996):

A Alemanha não é apenas o berço da ciência da ecologia e o local da ascensão da política verde; também foi o lar de uma síntese peculiar do naturalismo e do nacionalismo forjada sob a influência do irracionalismo anti-iluminismo da tradição romântica. Duas figuras do século XIX exemplificam essa conjunção sinistra: Ernst Moritz Arndt e Wilhelm Heinrich Riehl. Embora mais conhecido na Alemanha por seu nacionalismo fanático, Arndt também se dedicou à causa dos camponeses, o que o levou a uma preocupação com o bem-estar da própria terra (BIEHL;STAUDENMAIER, 1996, p. 11).

Nesse sentido, vários movimentos evocavam um ambientalismo fortemente ligado a xenofobia, com apelo pelo bem-estar do solo alemão e do povo alemão, sendo contra a miscigenação e pregando a pureza racial teutônica, além de serem contra a urbanização. Conforme afirmam Biehl e Staudenmaier (1996):

Reformulando o antissemitismo tradicional alemão em termos amigáveis à natureza, o movimento Wandervögel carregava uma amálgama volátil de preconceitos culturais do século XIX, obsessões românticas com pureza e sentimento anti-iluminismo no discurso político do século XX. O surgimento da ecologia moderna forjou o elo final na fatídica cadeia que uniu o nacionalismo agressivo, o racismo misticamente carregado e as predileções ambientalistas (BIEHL;STAUDENMAIER, 1996, p. 11).

O pensamento predominante do movimento Wandervögel moldou profundamente as gerações subsequentes de ambientalistas, sobretudo no período da Primeira Guerra Mundial, colocando a ecologia ligada a um quadro político reacionário e socialmente regressivo. Tudo isso culminou em uma mistura de “fanatismo etnocêntrico, rejeição regressiva da modernidade e preocupação ambiental genuína que posteriormente provou ser uma poção muito potente de fato” (BIEHL; STAUDENMEIER, 1996, p. 20, tradução nossa).

Na análise dos autores, o movimento do Wandervögel ao protestar contra a sociedade e a expansão industrial, falhava ao não reconhecer ou considerar as raízes sistêmicas de problemas sociais ou ecológicos e “essa postura se emprestou muito prontamente a um tipo muito diferente de mobilização política: o zelo “antipolítico” do nazismo” (BIEHL; STAUDENMAIER, 1996, p 23, tradução nossa). Posteriormente, isso fez com que seus membros migrassem para o nazismo aos milhares. Dessa forma, muitos temas ambientalistas defendidos pelo Wandervögel foram incorporados e desempenharam um papel vital no fascismo alemão, que culminaram na política do “sangue e solo”, amplamente difundida por Richard Walther Darré, membro influente do Partido Nazista e um destacado teórico racial e eugenista. Em sua máxima expressão, o sangue representa a descendência e o solo representa a origem geográfica (BIEHL; STAUDENMEIER, 1996).

O ideais defendidos por Darré consistiam na percepção de que a população do mundo agrário fora responsável pelo surgimento da raça nórdica e continuava a fornecer-lhe a linhagem mais sólida e duradoura, em contato com a terra, juntamente com o sangue dos antepassados. Sob a ótica de Darré, a população do campesinato representava a força vital da raça “pura” e que através deles deveria renascer a nobreza da raça nórdica (BERNARDO, 2011). Essa base ideológica também serviu para nortear a política alemã antissemita, pois os judeus eram vistos especialmente como um povo impuro, sem raízes, incapaz de qualquer relação com a terra.

Dessa forma, a política ecológica alemã era fortemente reacionária: considerava a pureza do sangue como uma condição indispensável para a realização de um verdadeiro equilíbrio entre a terra e os seres humanos, e por isso aderiu com entusiasmo às doutrinas antissemitas. Nesse sentido, Biehl e Staudenmaier (1996) afirmam:

Por essas razões, Darré tem sido algumas vezes considerado como um precursor do movimento verde contemporâneo. Seu biógrafo, na verdade, uma vez se referiu a ele como “pai dos verdes”. Seu livro “Sangue e Solo”, sem dúvida a melhor fonte única em Darré, constantemente minimiza os elementos virulentos fascistas em seu pensamento, retratando-o em vez disso como um radical agrário equivocados. Este grave erro de julgamento indica a poderosa mente desorientadora de uma aura “ecológica”. Os escritos publicados de Darré, são suficientes para indiciá-lo como um ideólogo racista particularmente propenso a um antissemitismo vulgar e

odioso. Seu mandato e uma década como um servo leal e, além disso, arquiteto do Estado nazista demonstra sua dedicação à causa desordenada de Hitler (...) Longe de incorporar as facetas “redentoras” do Nacional Socialismo, Darré representa o espectro do ecofascismo no poder (BIEHL; STAUDENMAIER, 1996, p 50, tradução nossa).

A partir da disseminação da ideologia proposta por Darré, é possível compreender a política que guiou o Terceiro Reich, pois foi nesse período que diversas leis de proteção ambiental foram aprovadas: a lei de Proteção à natureza de 1935; a lei de proteção de plantas e animais de 1936; a lei de proteção à Mãe-terra de 1939. Conforme Zimmerman (2004), a aprovação dessas leis tinham como objetivo cumprir a função de preservar o espírito do imigrante e do estrangeiro, pois essas forças políticas externas eram consideradas judaicas, logo representavam uma ameaça ao povo alemão (ZIMMERMAN, 2004).

Dessa forma, os argumentos ecológicos desempenharam um papel indiscutivelmente malévolos, pois conforme afirmam Biehl e Staudenmaier (1996), “a síntese anti-humanista com uma incessante busca pela “pureza” natural forneceu não apenas uma lógica, mas um incentivo para os crimes mais hediondos do Terceiro Reich” (BIEHL; STAUDENMAIER, 1996, p 70, tradução nossa). Assim, a aposta política hitleriana consistia também na construção de uma “missão civilizadora”, a implantação de uma dupla guerra anticolonial contra os judeus, culto às raízes que se associa com uma rejeição xenofóbica das pessoas que não partilhem delas, o que conseqüentemente também levou a uma rejeição da imigração juntamente com a defesa da eutanásia. Taibo (2019), afirma que a partir desse conjunto de ideias não se justificaram somente sobre as bases do capital, mas pela virtude das restrições que derivam da natureza (TAIBO, 2019).

Desse ponto de vista, juntamente do autoritarismo e da forte repressão, é possível compreender o extermínio dos judeus durante a Segunda Guerra Mundial e a forte rejeição aos imigrantes. Biehl e Staudenmaier (1996) ainda argumentam que “esta combinação de nacionalismo, autoritarismo e admiração por líderes populistas, legitimada por uma noção de ‘ecologia’ mística, é potencialmente catastrófica no terreno social” (BIEHL; STAUDENMAIER, 1996, p. 125). A política nazista defendida com estes fundamentos não foi somente genocida: ela também

teve um caráter ecocida, sustentado em um formidável exercício de movimento contra a natureza.

4. O ECOFASCISMO HOJE: O ATENTADO EM EL PASO E A TEORIA DA SUPLANTAÇÃO

Apesar das discussões acerca da eugenia, do controle sobre a imigração e da pureza de raça terem ocorrido até o final da década de 1930, suas ideias ainda permanecem com forte presença entre grupos radicais e supremacistas brancos.

Nesse sentido, em 2019, o estado do Texas presenciou um dos tiroteios mais sangrentos de sua história, onde 20 pessoas foram mortas e 26 ficaram feridas. O massacre ocorreu em uma loja do Walmart localizada em El Paso, cidade que faz divisa com o México e que tem 80% de seus moradores de origem mexicana. O autor, Patrick Wood Crusius, homem branco, foi preso e identificado como o atirador. A tragédia foi muito mais do que um crime de ódio, de caráter xenófobo, tendo por alvo principal os imigrantes (EL PAÍS, 2019).

No entanto, o atentado vai além do caráter xenofóbico e racista – também perpassa por ideais difundidos pelos ecofascistas. Antes de concretizar o ataque, Patrick publicou um manifesto em um fórum de discussões chamado 8chan, que defendia que a “deterioração do meio ambiente” estava ocorrendo através da “expansão urbana” e assim colocando em perigo as futuras gerações estadunidenses – e que os imigrantes eram os responsáveis. Ele ainda defendia que a melhor forma de proteger o meio ambiente seria através da “diminuição de pessoas no país”, mas que essas não seriam quaisquer pessoas, mas sim os que eram vistos como invasores e indesejados no solo norte-americano, ou seja, os imigrantes (EL PAÍS, 2019).

O atirador defendia no fórum de discussões que o estado do Texas estava ameaçado, pois estava sofrendo uma forte invasão hispânica e invocou a teoria levantada por Renaud Camus (2015), a da suplantação, que consiste que os europeus “brancos” nativos, supostamente estariam sendo colonizados de forma reversa por imigrantes negros e pardos, a um evento de nível de extinção, até sua completa substituição. Camus (2015) defende, ainda, a hipótese de que os imigrantes podem juntar-se a um povo, assimilar-se e integrar-se a ele, mas que povos, civilizações, religiões - e especialmente quando essas religiões são

civilizações, tipos de sociedade, quase Estados, não podem querer misturar-se com outros povos, outras civilizações (CAMUS, 2015). Nesse sentido, sob a perspectiva de Patrick, os imigrantes hispânicos estariam ameaçando os nativos norte-americanos, até a sua completa substituição, por isso eram considerados uma ameaça ao país.

Dessa forma, a tese com teor altamente segregacionista é levada a cabo por radicais como o atirador de El Paso e merece atenção não somente pelo seu caráter xenóforo e racista, mas pelo seu caráter ecofascista.

5. O ECOFASCISMO NA PANDEMIA DE COVID-19 E OS IMPACTOS SOBRE OS MOVIMENTOS MIGRATÓRIOS

Na história nunca houve um governo que fosse intitulado de ecofascista. Porém, como descrito em capítulos anteriores deste artigo, é possível perceber características de autoritarismo ecológico amplamente difundidos na história da Alemanha e nos Estados Unidos. Nesse sentido, Zimmerman e Toulouse (2016), afirmam:

O ecofascismo nomeia um regime político coletivista que usa medidas autoritárias para atingir seu objetivo principal em nome da proteção ambiental. Nenhum regime desse tipo existiu ainda, embora o nacional-socialismo alemão infamemente incluísse dois componentes que mais tarde, tanto explícita quanto implicitamente, passaram a ser vistos como ecofascistas. A partir do início da década de 1980, afirmações de “ecofascismo” foram usadas por filósofos para criticar uma série de visões que poderiam ser consideradas “ecoautoritárias”. Alguns também usaram o “ecofascismo” para atacar argumentos de que as totalidades ambientais superam os interesses de organismos individuais (humanos e não humanos). Na década de 1990, vários historiadores, críticos literários, estudiosos de estudos culturais e filósofos, voltando a atenção para a interseção da natureza do século XIX no romantismo e racismo, argumentaram, sem usar explicitamente o termo “ecofascismo”, que o movimento ambientalista americano dominante poderia analisar utilmente as origens e consequências mais sombrias de algumas de suas próprias suposições e objetivos (ZIMMERMAN; TOULOUSE, 2016, p 1, tradução nossa).

Apesar do discurso ecofascista não ser novo, ainda encontra sua perpetuação em grupos reacionários. Durante a pandemia de Covid-19, a OMS orientou que as pessoas mantivessem o isolamento e em distanciamento social controlado, a fim de

conter a disseminação do vírus. Com a forte queda na circulação de pessoas, foram divulgados imagens e vídeos que mostravam uma espécie de triunfo da natureza e dos animais sob a vida humana. Imagens e fotos centradas nessa narrativa ganharam forte repercussão nas redes sociais, recebendo milhares de curtidas. Conforme a Figura 1 a seguir, divulgada pelo portal de notícias Metrôpoles:

Figura 1 - Duração das reportagens exibidas durante os cinco atos em cada telejornal



Fonte: Twitter, 2020.

O compartilhamento dessas imagens fez com que gerassem diversas reflexões acerca da circulação de seres humanos interligados com a preservação do meio ambiente. O grande perigo dessas afirmações, no entanto, reside na falta de contestação de quem seria realmente o verdadeiro culpado pela degradação ambiental, deixando somente a culpabilização da ação humana, mas que essa culpa não recai igualmente as pessoas.

Nesse sentido, Taibo (2019) afirma que, se no passado houve a implantação da eutanásia nos pobres, genocídios e políticas contra imigração, agora começa a se justificar em um suposto compromisso de preservação ambiental. Os critérios para essa seleção de quem seria o vírus do planeta, não está claro, mas é possível intuir que os beneficiados estarão entre os habitantes de países ricos e elites dos países do Sul global, e que os culpados serão os que representam o “excesso” populacional, ou seja, os imigrantes, refugiados, os “invasores” (TAIBO, 2019).

A concretização desses discursos teve como reflexo diversos ataques durante a pandemia. Segundo estudo publicado pelo Center for the Study of hate and Extremism, centro especializado em estudos acerca de discursos de ódio e extremistas, revela que após o início da pandemia de Covid-19, os crimes de ódio contra imigrantes asiáticos nas 16 maiores cidades dos Estados Unidos aumentaram 164% no primeiro trimestre de 2021, em comparação ao primeiro trimestre de 2020, desde o início da pandemia. Em 2020, aumentaram em 146% em 26 das maiores cidades norte-americanas, que compreendem mais de 10% do total (CSHE, 2021). Em 2021, centenas de asiáticos protestaram nas ruas contra o ódio dirigido a eles, após tiroteio em um salão de beleza e massagens na Geórgia, onde oito imigrantes foram mortos (JN, 2021).

Nesse sentido, levando adiante o discurso de que os humanos são o vírus, a culpa é atribuída aos imigrantes, que são vistos como “invasores” e o “excesso” que estaria causando a degradação ambiental. Tudo isso se torna muito oportuno para a ação de grupos extremistas motivados por ideais ecofascistas. Nesse sentido, Taibo (2019) afirma:

Ainda que seja esperado que o grosso da população de determinados espaços geográficos se salve, não cabe descartar, inclusive nesses cenários, a implantação de medidas de proibição da imigração, do controle

de natalidade, da eutanásia (...) dificilmente surpreenderá a afirmação de que o ecofascismo demanda um projeto político manifestamente hierarquizado. Cabe supor que seus impulsores, auto apresentados como salvadores, serão em alguns casos dirigentes carismáticos (...) a quebra das relações de comando e controle que se seguirá ao colapso, de uma forma ou de outra, será traduzida em problemas na implantação de uma imaginável maquinaria ecofascista (TAIBO, 2019, p 155 - 156).

Dessa forma, esses ideais e discursos tem sido fortemente propagados por grupos supremacistas brancos. Em fóruns da internet, discursos são disseminados para combater o excesso populacional para preservar o planeta. O discurso ecofascista se apropria de maneira muito oportuna desses discursos para disseminar ideias baseadas em teorias eugenistas e segregacionistas, como forma de justificar atos violentos contra imigrantes em nome da preservação ambiental.

No entanto, os danos causados pelo sistema capitalista de produção não são levados em consideração no discurso ecofascista. A Cambridge Sustainability Commission on scaling behavior change report, em relatório de 2021, alertou para a necessidade de mudanças radicais no estilo de vida dos mais ricos. Isso porque o 1% mais rico da humanidade produz o dobro de emissões de carbono dos 50% mais pobres do mundo juntos. Já os 5% mais ricos do mundo, a “elite poluidora”, lançou mais de 37% das emissões de carbono entre 1990 e 2015 (CAMBRIDGE UNIVERSITY, 2021). Taibo (2019) afirma que os cidadãos estadunidenses emitem quase cem vezes mais CO² por pessoa do que os habitantes de países pobres (TAIBO, 2019). O desmatamento para exploração e o lançamento desenfreado de poluentes na atmosfera, poderá, inclusive, causar o aparecimento de novas pandemias, caso nenhuma atitude seja tomada. Maria Neira, diretora de Saúde Pública e Meio Ambiente da OMS, afirmou, em 2021, que 70% dos últimos surtos epidêmicos começaram com o desmatamento. Inclusive a pandemia de Covid-19 (EL PAÍS, 2021).

O sistema capitalista também demanda uma sociedade baseada no consumo e no descarte, para então gerar mais consumo. Dessa forma, em 1920, o presidente da General Motors, Alfred P. Sloan, criou o conceito de obsolescência programada, que, conforme define Latouche (2012) consiste em “os produtos, desde as lâmpadas elétricas aos óculos, deixam de funcionar devido a uma avaria prevista de um dos seus elementos. É impossível encontrar uma peça de substituição ou um técnico que

o repare” (LATOUCHE, 2012, p 33). Sob a ideia de Alfred, ao mudar anualmente modelos e acessórios de carros para que o consumidor comprasse novos veículos antes do necessário, tornaria as vendas mais aceleradas, gerando assim um consumo insaciável. Essa estratégia foi adotada por diversas companhias, até se tornar comum no modelo de produção atual. É comum, por exemplo, realizar a compra de um celular até que seja adotada uma nova atualização do sistema que não irá contemplar mais aquele modelo, sendo assim necessário o seu descarte, o que tem como consequência um enorme acúmulo de lixo.

No entanto, as consequências desse sistema de poluição e exploração desenfreada não são sentidas igualmente por todo planeta. Taibo (2019) afirma que os efeitos das mudanças climáticas são mais acentuados em países pobres e em desenvolvimento. O aumento do nível do mar poderá fazer com que as ilhas do Pacífico desapareçam, além de muitas cidades costeiras. O franco desaparecimento de grandes superfícies arbóreas causadas pelo desmatamento irá provocar o desaparecimento de diversas espécies, provocando um forte desequilíbrio, entre outros, que terão como consequência maior ocorrência de migrações em massa em busca de regiões menos afetadas pelas mudanças climáticas (TAIBO, 2019). A ONU publicou levantamento que cerca de 80% das pessoas forçadas a se deslocar no mundo têm origem países que estão entre os que sentem as consequências das alterações climáticas de forma mais acentuada. Sendo que, somente em 2020, 30,7 milhões de novos deslocamentos foram registrados devido a desastres relacionados ao clima (NAÇÕES UNIDAS, 2021). Dessa forma, as populações mais afetadas pelas alterações ambientais são reféns da situação em busca de sobrevivência em países menos afetados, que, ironicamente, são os maiores poluentes, a exemplo dos Estados Unidos e muitos países europeus, o que não é levado em consideração nos discursos ecofascistas.

Nesse sentido, Taibo (2019) afirma que as alterações climáticas podem ocasionar o surgimento de governos autoritários e que poderá ter consequências mais duras em relação ao controle das fronteiras e da imigração. Esses governos poderiam ter a aderência de boa parte da população mesmo que isso significasse uma certa perda de direitos, em nome da preservação ambiental, da identidade nacional e cultural, além do controle demográfico. O autor ainda afirma que a

barbárie climática já encontra sua materialização: em 2019, Trump anunciou que iria suspender 700 milhões de dólares em ajuda para programas destinados a agricultores lidarem com a seca na Guatemala, Honduras e El Salvador (TAIBO, 2019) Além disso, Trump também retirou os EUA do Acordo de Paris para redução do aquecimento global, em 2019 (NAÇÕES UNIDAS, 2019).

No entanto, o perigo do surgimento de modelos de governos autoritários sob o pretexto da preservação ambiental, abre margem para a legitimação das ações de grupos reacionários e extremistas a agirem contra imigrantes, que já deixaram de ser uma possibilidade e encontram força em episódios recentes, sobretudo na pandemia de Covid-19. Contra os imigrantes recai a culpa acerca do excesso populacional e da degradação ambiental dos países onde buscam refúgio. Essa noção da eliminação populacional em nome da preservação ambiental perpassa por um recorte social e racial extremamente desigual e tem sido há muito um pilar do pensamento ambiental reacionário. Seu concomitante é o anti-humanismo.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presença das pautas ambientais em grupos extremistas e reacionários é um lembrete sóbrio da volatilidade política da ecologia. Embora as preocupações com os problemas colocados pelo crescente domínio da humanidade sobre a natureza tenham sido cada vez mais compartilhadas por grupos cada vez maiores de pessoas que abraçam uma infinidade de ideologias, a resposta mais consistente do “progresso” ambiental encontrou personificação política desde grupos supremacistas e radicais, até em políticas extremistas adotadas por governos autoritários. Essa é a conexão existente entre manifestações conservadoras ou mesmo as supostamente apolíticas do ambientalismo com a variedade diretamente fascista.

O registro histórico acerca das políticas ecofascistas, desconstrói a afirmação de que aqueles que querem reformar a sociedade em nome da preservação ambiental são ecologicamente conscientes. A defesa de pautas ambientais necessita um contexto social explícito para serem inclusas na política, pois a “ecologia” por si só não é capaz de prescrever uma política e pode ocasionar o surgimento de grupos reacionários.

Por todas essas razões, a não politização de movimentos que buscam criticar a sociedade sem considerar a mazelas políticas e sociais, podem ser apropriados por grupos radicais até a sua materialização, conforme resgatado histórico da política governamental no Terceiro Reich. Uma orientação ecológica por si só, fora de um quadro social crítico, é perigosamente instável, onde as consequências podem ser extremamente letais e custar a vida de diversas pessoas inocentes.

O projeto necessário de criação de uma política ecológica emancipatória exige uma aguda consciência e compreensão do legado das teorias eugenistas e do ecofascismo clássico presente no período entreguerras e suas continuidades conceituais com o discurso ambiental atual diante das consequências das alterações climáticas. Os registros apresentados acerca da ecologia fascista mostram que sob as condições certas tal orientação pode rapidamente levar à barbárie.

Portanto, os exemplos recentes como o atentado ocorrido em El Paso até os discursos presentes na pandemia de Covid-19, merecem atenção especial para que exista um debate acerca das reais causas do colapso climático e ambiental.

Referências

ACNUR. **Decisão do comitê de direitos humanos da ONU sobre mudança climática dá sinal de alerta, diz ACNUR, 2020.** Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/2020/01/24/decisao-do-comite-de-direitos-humanos-da-onu-sobre-mudanca-climatica-da-sinal-de-alerta-diz-acnur/> Acesso em: 20 de outubro de 2021.

BERNARDO, João. **O mito da natureza: a agricultura familiar no Nazismo.** Disponível em: <https://passapalavra.info/2011/12/49001/> Acesso em: 23 de maio de 2022.

BIEHL, Janet STAUDENMAIER, Peter. **Ecofascism: lessons from the German experience.** Edinburgh: AK Press, 1996.

CENTER FOR THE STUDY OF HATE AND EXTREMISM. **Report to the Nation: Anti-Asian Prejudice & Hate Crime.** Disponível em: <https://www.csusb.edu/sites/default/files/Report%20to%20the%20Nation%20-%20Anti-Asian%20Hate%202020%20Final%20Draft%20-%20As%20of%20Apr%2030%202021%206%20PM%20corrected.pdf> Acesso em: 29 de maio de 2022.

CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA. **Ecofascismo: Lecciones sobre la experiencia alemana, de Janet Biehl e Peter Staudenmeier.** Disponível em: <https://ces.uc.pt/pt/agenda-noticias/agenda-de-eventos/2021/ecofascismo> Acesso em: 21 de maio de 2022.

COUTO, Rita Cristina C. de Medeiros. **Eugenia, loucura e condição feminina.** Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/892/897> Acesso em: 28 de maio de 2022.

DEL CONT, Valdeir. **O controle de características genéticas humanas através das institucionalização de práticas socioculturais eugênicas.** Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ss/article/download/78197/82272> Acesso em: 23 de maio de 2022

EL PAÍS. **Tiroteio em El Paso, no Texas, deixa 20 mortos e 26 feridos em centro comercial.** Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/08/03/internacional/1564858805_623559.html Acesso em 23 de maio de 2022.

EL PAÍS. **70% dos últimos surtos epidêmicos começaram com o desmatamento.** Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-02-06/70-dos-ultimos-surtos-epidemicos-comecaram-com-o-desmatamento.html> Acesso em: 29 de maio de 2022.

GALTON, Francis. Heredary Genius. **A história da família e genealogia.** Boletim de Eugenia, Rio de Janeiro, ano II, n. 16, 1930.

GRANT, Madison. **The Passing of the Great Race: or, the racial basis of European history.** Disponível em: <https://archive.org/details/in.ernet.dli.2015.39871/page/n25/mode/2up> Acesso em: 18 de maio de 2022.

G1. **Sem turistas e barcos, coloração da água dos canais de Veneza fica mais clara e nítida.** Disponível em: <https://g1.globo.com/turismo-e-viagem/noticia/2020/03/18/sem-turistas-e-barcos-coloracao-da-agua-dos-canais-de-veneza-fica-mais-clara-e-nitida.ghtml> Acesso em: 29 de maio de 2022.

ICHI.PRO. **O futuro verde do terror branco.** Disponível em: <https://ichi.pro/pt/tedpilled-o-futuro-verde-do-terror-branco-272203416972973> Acesso em: 20 de outubro de 2021.

JN. **Milhares protestam contra racismo dirigido a asiáticos em várias cidades norte-americanas.** Disponível em: <https://www.jn.pt/mundo/milhares-protestam-contraracismo-dirigido-a-asiaticos-em-varias-cidades-norte-americanas-13484183.html> Acesso em: 29 de maio de 2022.

LATOUCHE, Serge. **O pequeno tratado do decrescimento sereno.** Lisboa: Edições 70, 2012.

LAUGHLIN, Harry. **Eugenical sterilization in the United States.** Chicago: Psychopathic Laboratory of the Municipal Court of Chicago, 1922.

LAWRENCE, Cera R. **Eugenics Record Office Spring Harbor Laboratory, 1910 – 1939**. Disponível em: <https://embryo.asu.edu/pages/eugenics-record-office-cold-spring-harbor-laboratory-1910-1939> Acesso em 23 de maio de 2022.

LISBOA, Marcel. **A longa história da eugenia**. Disponível em: <https://super.abril.com.br/ciencia/a-longa-historia-da-eugenia/> Acesso em: 23 de maio de 2022.

MÜNSTER, Arno. **Pour un socialisme vert**. Paris: Nouvelles Éditions Lignes, 2012.

NAÇÕES UNIDAS. **Mudanças climáticas impulsionam migrações e deslocamentos forçados**. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/157286-mudancas-climaticas-impulsionam-migracoes-e-deslocamentos-forcados> Acesso em: 29 de maio de 2022.

NAÇÕES UNIDAS. **Estudo alerta sobre “grande onda de migração interna” com crise do clima**. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2021/09/1763782> Acesso em: 20 de outubro de 2021.

NAÇÕES UNIDAS. **EUA apresentaram à ONU pedido formal de retirada do Acordo de Paris**. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2019/11/1693411> Acesso em: 30 de maio de 2022.

NÚCLEO DE ESTUDOS E PESQUISAS SOBRE MARX E O MARXISMO DA UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE. **Conservadorismo verde: ecofascismo e movimento verde de extrema-direita na Alemanha**. Disponível em: https://www.niepmarx.blog.br/MManteriores/MM2021/Anais_MM2021/MC10_1.pdf Acesso em: 21 de maio de 2022.

NZ HERALD. **8Chan the forum that’s ground zero for extremists and mass shootings**. Disponível em: <https://www.nzherald.co.nz/world/8chan-the-forum-thats-ground-zero-for-extremists-and-mass-shootings/7SOCHZOLSOGA725000GJY7S7A4/> Acesso em: 23 de maio de 2022.

OTOYA, Natacha. **Reflexões sobre ecofascismo em tempos de pandemia**. Disponível em: <https://labhen.historia.ufrj.br/reflexoes-sobre-ecofascismo-em-tempos-de-pandemia/> Acesso em: 29 de maio de 2022.

PICHOT, André. **A sociedade pura: de Darwin a Hitler**. Porto Alegre: Instituto Piaget, 2000.

RAPID TRANSITION. **Cambridge Sustainability Commission on Scaling behavior change report**. Disponível em: <https://www.rapidtransition.org/wp-content/uploads/2021/04/Cambridge-Sustainability-Commission-on-Scaling-behaviour-change-report.pdf> Acesso em: 29 de maio de 2022.

SOUSA, Antônia Tauanne Rodrigues de. **Ecofascismo e a hipocrisia de países de primeiro mundo**. Disponível em:

<https://www.agenciajovem.org/wp/ecofascismo-e-a-hipocrisia-de-paises-de-primeiro-mundo/> Acesso em: 23 de maio de 2022.

TAIBO, Carlos. **Colapso: capitalismo terminal, transição ecossocial, ecofascismo**. Paraná: Editora UFPR, 2019.

UNISINOS. **Agora os ecofascistas exploram o clima contra migrantes**. <https://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/615376-agora-os-ecofascistas-exploram-o-clima-contra-os-migrantes> Acesso em: 11 de maio de 2022.

UOL. **O que é a teoria da substituição, a tese racista que teria motivado atentado nos EUA**. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/bbc/2022/05/16/o-que-e-a-teoria-da-substituicao-tese-racista-que-teria-motivado-atentado-nos-eua.htm> Acesso em: 18 de maio de 2022.

UOL. **Ecofascismo prega que algumas vidas são mais importantes que outras**. Disponível em: <https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2020/09/24/ecofascismo-prega-que-algumas-vidas-sao-mais-importantes-que-outras.htm> Acesso em: 20 de maio de 2022.

VALANO, Bruno. **A longa história da eugenia**. Disponível em: <https://super.abril.com.br/ciencia/a-longa-historia-da-eugenia/> Acesso em: 23 de maio de 2022.

VICE. **Ecofascismo, a teoria racista que inspirou os atiradores de El Paso e Christchurch**. Disponível em: <https://www.vice.com/pt/article/59nmv5/ecofascismo-a-teoria-racista-que-inspirou-os-atiradores-de-el-paso-e-christchurch> Acesso em: 23 de maio de 2022.

ZIMMERMAN, Michael. **Ecofascism - an enduring temptation**. In: ZIMMERMAN et all. *Environmental Philosophy: From Animal Rights to Radical Ecology*. Upper Saddle River: Prentice Hall, 2004.

ZIMMERMAN, Michael; TOULOUSE, Teresa A. **Ecofascism**. Disponível em: <https://www.degruyter.com/document/doi/10.18574/9780814760741-023/html> Acesso em 29 de maio de 2022.

Artigo recebido em: agosto de 2022.
Artigo aprovado em: dezembro de 2022.

**CRITICAL REVIEW OF “INTERNATIONAL MONETARY
RELATIONS: TAKING FINANCE SERIOUSLY”
by Maurice Obstfeld and Alan M. Taylor**

*Gloria Maria Sandi*⁶

Escola Superior de Propaganda e Marketing

The following review is based on the article by Maurice Obstfeld and Alan M. Taylor. Obstfeld is a professor of economics at the University of California Berkeley, Berkeley, and former chief economist at the International Monetary Fund. Taylor is a professor of economics and finance at the University of California, Davis. He is also a Research Associate at the National Bureau of Economic Research and a Research Fellow at the Centre for Economic Policy Research.

In this article, the authors highlight the interactions between the international monetary and financial systems as an important determinant for the world to achieve its economic potential, as well as to measure how grave are the prospects of crises and disruption. They explain the monetary policy trilemma and, next, propose a complimentary financial policy trilemma. Obstfeld and Taylor, then, will answer three important questions related to the matter: How should exchange rates between national currencies be determined? How can countries with balance of payments deficits reduce these without sharply contracting their economies and with minimal risk of possible negative spillovers abroad? And finally, how can the international system ensure that countries have access to an adequate supply of international liquidity—financial resources generally acceptable to foreigners in all circumstances?

Firstly, the monetary policy trilemma consists of countries being able to use only two of the three following features simultaneously: 1) exchange rate stability, 2) freedom of cross-border payments and 3) a primary orientation of monetary policy toward domestic goals. Secondly, the proposed financial policy trilemma complements the better-known monetary trilemma by specifically putting countries in a place to choose 1) among national sovereignty over financial stability policy, 2)

⁶ Bacharela em Relações Internacionais pela ESPM-POA. E-mail: cissatheves@gmail.com.

integration into global financial markets or 3) financial stability—but they cannot have all three. It's important to highlight that the trilemmas do not imply which choice is the best, much less that any choice can fully insulate an economy from economic difficulties or international financial disturbances. The authors justify their point by presenting different mixes of options taken by countries under distinctive monetary scenarios - more specifically the gold standard, the interwar period, and Bretton Woods system, as well as the prevailing system of floating exchange rates.

Finally, the authors answer the three questions pertinent to the fundamental challenges faced by any international monetary and financial system. First, exchange rates should be floating, since monetary trilemma, coupled with widespread financial integrations, has made it impossible for countries to maintain completely firm currency pegs. They argue that, although floating exchange rates cannot insulate a country completely from global financial or real shocks, it does provide some domestic insulation, even more, when added to effective financial and macroprudential policies. However, Obstfeld and Taylor cannot answer if floating exchange rates would be beneficial for the system as a whole since it raises the problem of competitive currency depreciations.

As to answer the second question, according to Obstfeld and Taylor, countries with large trade deficits have some incentives to limit their external imbalances, while there is no such market-based incentive to limit trade surpluses - a scenario that further deepens the difference of external wealth between creditor and debtor countries. According to the authors, on one hand, the balance of payments adjustments for surplus countries should occur by deploying monetary and other policies to offset deflationary impulses from abroad. On the other hand, for deficit countries, monetary policy alone cannot easily compensate a foreign deflationary impulse. Furthermore, a fiscal policy response may be constrained as well by fears (justified or not) over pre-existing high levels of public debt. Assistance to these countries is provided through international cooperation and respect for trade policies and financial regulatory policies, formalized in institutions such as the WTO and the Financial Stability Board.

Lastly, to solve the third question, Obstfeld and Taylor argue that the best solution for emerging and developing countries to have access to adequate international liquidity would be through better access to credit lines. That's because traditional IMF lending cannot fulfill this role, as their programs are subject to conditionally and time-consuming negotiation, as well as subject to withholding in case of a global systemic crisis. The authors justify their answer by arguing that the increasing reserves in Central Banks all around the world (and more strongly in those countries who are not yet developed) and the consequent excess global demand for safe assets, diminishes and jeopardizes the asset itself.

In conclusion, Obstfeld and Taylor settle that the standard models of macroeconomic stabilization and international monetary relations have not taken finance and financial markets in sufficient account. The monetary and financial trilemmas must be used together to achieve the best results in conducting a healthy economy and preventing crises.

As for my critique, I believe the text was written in a confusing way, because it did not answer the questions presented clearly. I do not know if the cloudy responses are a consequence of the authors' position, which is a possibility. Finally, I strongly agree with the authors for most of their construction. The floating exchange rate (which works as "dirty floating" as well) is a consensus within economists as the best alternative since the pegged exchange rate does not allow the use of monetary policy to promote changes in the economy. Also, the floating exchange rate leaves the money's conversion optimized for trading as it will be measured by the market itself. However, despite agreeing that the IMF is a very bureaucratic institution, we cannot forget that the IMF was the main creditor of a number of deficit countries and continues, mostly after the 2008 Crisis, to play an essential part as the guarantor of credit of last resort.

Referências

Obstfeld, Maurice, and Alan M. Taylor. 2017. "International Monetary Relations: Taking Finance Seriously." **Journal of Economic Perspectives**, 31 (3): 3-28.

Resenha recebida em: agosto de 2022.
Resenha aprovada em: dezembro de 2022.